0011 - Felipe Morelli Machado

"Bola na rede e o povo nas ruas! Estado Novo, Imprensa Esportiva e Populares na Copa do Mundo de 1938: Futebol e Construção da Nação"

Felipe Morelli Machado[1]

Resumo

O presente trabalho se dedica a analisar a Copa do Mundo de futebol disputada em junho de 1938 na França, entendida como momento emblemático para a compreensão das negociações, conflitos e tensões sociais que permeavam a construção da "nação", em face do envolvimento de figuras importantes do Estado Novo, dos dirigentes e parte da imprensa esportiva e dos grupos populares com a campanha do selecionado brasileiro. Trata-se de um episódio esportivo que assume repercussões até então nunca vistas na vida nacional e cuja mobilização em torno da seleção revela concepções distintas a despeito do "Brasil" que se fazia representar em campos franceses. Mais do que um elemento promotor de unidade, capaz de congregar - na mesma torcida -, grupos sociais antagônicos e irmanar - sob uma mesma paixão - indivíduos dos mais diferentes perfis sócio-culturais, o futebol emerge neste episódio como espaço de conflitos, desavenças e rivalidades que se encontram na base da edificação do sentimento nacional.

[1] Mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde desenvolve a referida pesquisa como bolsista CNPq, sob orientação da Prof(a). Dr. (a). Estefania Knotz C. Fraga.

0011 - Felipe Morelli Machado

Nelson Rodrigues traçou o seguinte comentário sobre a atmosfera vivida no Rio de Janeiro quando da estréia da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1966, disputada na Inglaterra:

> *... toda a cidade parou. As nossas madames Bovary, as nossas Anas Karêninas suspenderam seus amores e seus pecados, das três às seis. Os bandidos do Leblon não assaltaram senhoras nem crianças ... Ontem ninguém era credor, ninguém era devedor. Éramos apenas brasileiros, da cabeça aos sapatos* [2].

O futebol é uma expressão cultural [3] das mais importantes de nossa sociedade. Para além disso, na atual conjuntura dos primeiros anos do século XXI, não seria exagero nenhum considerá-lo como um esporte que arrebanha multidões nos mais diferentes cantos do planeta, navegando como elemento transversal sob diferentes mundos. O futebol dos estádios, casas, esquinas e ruas. Futebol do cotidiano de uma imensa maioria dos brasileiros mobilizados em torno de uma paixão capaz de aproximar e irmanar indivíduos dos mais diferentes perfis sócio-culturais, ao mesmo tempo em que promove as mais acaloradas discussões, rivalidades, sentimentos e práticas hostis. O futebol que para muitos é o assunto por excelência e que não escapou aos olhos e à imaginação do cronista e dramaturgo Nelson Rodrigues, delineando - em seu estilo hiperbólico e irônico de criações imagéticas - o momento em que o sentimento nacional ganha os contornos mais nítidos e exacerbados, a Copa do Mundo. Mas, nem sempre foi assim.

A percepção do potencial aglutinador e formador da identificação nacional em torno da seleção brasileira durante a Copa do Mundo, nos remete ao momento em que o futebol repercutiu na vida nacional em dimensões até então jamais vivenciadas: a Copa do Mundo da França de 1938.

---

[2] RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol. (Ruy Castro org.). São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p. 127. *apud* MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000, p. 77.

[3] Um dos grandes expoentes dos Estudos Culturais Britânicos, E.P. Thompson, ao analisar a cultura dos trabalhadores na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX em sua obra "Costumes em Comum", direciona uma de suas críticas à tendência de compreensão do termo "cultura" como um sistema homogêneo de valores, hábitos, costumes que seriam compartilhados por um mesmo grupo – no caso de seu enfoque, a "cultura popular" -, sendo para ele fundamental que não se perca de vista os conflitos que estão presentes neste mesmo universo da "cultura", por se tratar de um "*conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma aldeia de elementos conflitivos, ... E na verdade o próprio termo "cultura", com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto*." (THOMPSON, Edward. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 17.) Com base neste referencial consideramos o conceito de "cultura" - ao qual o futebol nos parece estar inevitavelmente associado -, como espaço de tensões e conflitos, que deve ser compreendido em sua concretude, imerso nas relações sociais e não somente como dimensão abstrata de "significados, atitudes, valores", uma vez que é preciso situá-la "no lugar material que lhe corresponde". *Idem, ibid*.

> *João Pessoa – A irradiação do jogo Brasil x Polônia, foi ouvido nesta capital com o maior entusiasmo e interesse. O governo e as sociedades recreativas mandaram instalar nos principais logradouros públicos, poderosos alto-falantes. Assim o povo paraibano, vibrando de entusiasmo acompanhou a sensacional luta de football. A vitória dos brasileiros motivou grandes demonstrações de alegria, por parte da população.*
> *Recife – Grande quantidade de povo aglomerou-se nas portas dos cafés e nas praças públicas, ouvindo ontem, a irradiação do jogo, Brasil x Polônia.*
> *A vitória final dos brasileiros foi recebida com delirantes manifestações de regozijo.*
> *Vitória – A partida de futebol entre o Brasil e a Polônia, ontem realizada, em disputa do Campeonato Mundial foi acompanhada pelo rádio com grande entusiasmo patriótico por toda a população desta capital.*
> *Além das pessoas que ouviram a irradiação em suas residências particulares, mas de mil pessoas se reuniram na praça Independência, onde foram instalados alto-falantes [...].*
> *Porto Alegre – Incalculável massa popular afluiu, ontem, a vários pontos da cidade, ouvindo a irradiação do jogo Brasil x Polônia.*
> *São Paulo – Nunca se viu aqui fato igual motivado por uma competição esportiva. A multidão aclamou em delírio a vitória do Brasil*
> *Belo Horizonte – O povo vibrou intensamente sendo empolgado do maior entusiasmo quando foi anunciada a vitória brasileira. Cada lance do jogo era acompanhado de aplausos, num verdadeiro delírio popular* [4].

Manifestações como estas descritas em breves notas pelo *Jornal dos Sports* (RJ), atestavam o grande entusiasmo da torcida em diversos cantos do país após a dramática vitória brasileira na estréia contra a Polônia, por 6 a 5, com direito a prorrogação e a primeira grande exibição do "Diamante Negro" Leonidas da Silva diante do público francês[5]. Mas a verdadeira empolgação mesmo seria verificada pelas bandas de cá, onde o triunfo do escrete nacional fazia delirar e enchia de orgulho um número incalculável de torcedores espalhados pelo território nacional. Diversos alto-falantes foram instalados em vários pontos das principais cidades do país permitindo aos populares que pudessem torcer e acompanhar cada lance do prélio contra os poloneses. O torcedor apoiava, aplaudia como se estivesse em canchas francesas. Nunca até então na história das Copas a seleção estivera tão longe e ao mesmo tempo tão perto do povo.

Nas ruas da capital federal o entusiasmo não seria menor, e o relato do cronista do *Jornal dos Sports* tratava das mais inusitadas manifestações desencadeadas pela vitória brasileira no jogo-desempate contra os tchecos, que garantiu a inédita passagem a semifinal:

> *Foi uma coisa louca! Houve de fato algo de loucura, loucura coletiva, nas manifestações que a cidade celebrou o triunfo brasileiro. Passeatas, gritaria, ruídos de todos os gêneros, bombas, cantos patrióticos, serpentinas, confete, folhetos, papel rasgado – eis o que se viu e ouviu durante horas inteiras no cenário carioca ...*[6]

Alguns fatores colaboraram decisivamente para tamanha mobilização em torno do selecionado nacional. Em linhas gerais: a intensa cobertura dos jornais em torno deste acontecimento; a

---

[4] *Jornal dos Sports, de 7 de junho de 1938.*
[5] Nesta partida de estréia Leonidas anotou 3 gols para o Brasil, incluindo o da vitória na prorrogação. *Jornal dos Sports, 6 de junho de 1938.*
[6] *Jornal dos Sports, 15 de junho de 1938.*

transmissão direta via rádio de todas as partidas do selecionado nacional para as principais praças esportivas do país [7]; campanhas para a arrecadação de donativos destinados ao custeio das despesas da delegação - junto a bancos, indústrias e comércio; iniciativas[8] voltadas para a aglutinação dos diferentes grupos sociais em torno do escrete brasileiro; o apoio do recém-inaugurado regime estado-novista na figura do chefe da nação, Getúlio Vargas; a pacificação do campo esportivo que permitiu à seleção pela primeira vez contar com os principais jogadores que atuavam nos clubes do Rio de Janeiro e São Paulo - com destaque para craques como o zagueiro Domingos da Guia e o avante Leonidas da Silva (ambos que à época defendiam as cores do Flamengo); e o grande apoio popular verificado em manifestações coletivas registradas em diferentes pontos do país. Estes elementos fizeram da participação brasileira neste torneio uma questão de ordem e dimensão nacional.

Neste sentido, tal relação que aproxima futebol e nação [9] é ainda hoje evidenciada em expressões que povoam o senso comum e que caracterizam o Brasil - perante os próprios brasileiros e o

---

[7] Pela primeira vez as partidas do selecionado nacional na Copa do Mundo seriam transmitidas diretamente para o Brasil via rádio. Assim como ocorrera no sul-americano de 1936-7, disputado em Buenos Aires , a Rádio Club do Brasil (PRA-3), emissora do Rio de Janeiro - em parceria com o Jornal dos Sports e O Globo -adquiriu (por uma alta quantia de cerca de 100 contos de réis por partida) os direitos de transmissão dos jogos do escrete brasileiro em tempo real para os principais estados do país. A irradiação seria redistribuída por cerca de 45 emissoras que compunham a Rede Nacional, através do programa "Hora do Brasil". *Jornal dos Sports, 10 de abril de 1938.* Trabalhamos o rádio à luz da importante obra de Antonio Pedro Tota, em sua compreensão deste meio de comunicação inserido nos avanços técnicos da metrópole moderna paulistana na década de 1920 e sua consolidação como veículo de comunicação de massas nos anos 1930, servindo ao mesmo tempo como importante instrumento propagandista do regime, bem como utilizado politicamente pelas oligarquias paulistanas. Interessa-nos a percepção da inserção do futebol na programação de algumas emissoras como sinal das mudanças que acompanharam a afirmação da radioempresa e o aperfeiçoamento da cobertura esportiva, destacando-se, por exemplo, a figura do *speaker* na irradiação das partidas. Conforme Tota: "*Uma partida de futebol não era mais privilégio dos que iam ao campo esportivo ...*". cf. TOTA, Antonio Pedro. **A Locomotiva no ar**: rádio e modernidade em São Paulo, 1924-1934. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990.

[8] A de maior vulto neste propósito foi a "Campanha do Selo" que consistia, basicamente, na emissão de selos numerados pela CBD que poderiam ser adquiridos por uma módica quantia de 500 réis por qualquer torcedor que desejasse se engajar na campanha brasileira, sendo toda a quantia arrecadada com a venda dos selos destinada ao custeio das despesas da delegação na disputa da Copa do Mundo. O torcedor que tivesse o número de seu selo sorteado teria como prêmio o direito a compor a delegação que seguiria rumo a França, com passagens de ida e volta e todas as despesas de hospedagem, alimentação e outras cobertas pela CBD. *Jornal dos Sports, 24 de março de 1938.*

[9] Para tanto, outro conceito caro à nossa análise é o de "nação", que deve ser entendido no bojo de uma reflexão que traga também a noção de "identidade nacional". De acordo com Stuart Hall em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, a "nação" deve ser compreendida não só em sua condição política mas como comunidade simbólica representada por um conjunto de significados que tem o poder de gerar um sentimento de pertencimento. Assim, se coloca como fundamental, em sua concepção, o entendimento das *culturas nacionais* como discursos que produzem sentidos e, por sua vez, influenciam nossas ações e a representação que temos de nós mesmos: *As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Estes sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson, a identidade nacional é uma "comunidade imaginada"* (HALL, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas In:

mundo - como o “país do futebol”, a “pátria em chuteiras” etc. Por conseguinte, apregoa-se uma imagem do jogador brasileiro como aquele provido de capacidades especiais que o destacam em relação aos jogadores de outros países, o portador de um talento que é constantemente reafirmado como um desígnio divino, um “dom” de jogar bola que o diferencia dos demais. Todavia, não nos pode escapar que esta é uma sentença social e historicamente construída e que tal associação entre futebol e nação pode mascarar inúmeros conflitos, descompassos, descontinuidades, enfim, questões que precisam ser evidenciadas e problematizadas, uma direção a qual esta reflexão a despeito da Copa do Mundo de 1938 se propõe a trilhar.

É no contexto dos anos de 1930, onde o futebol *association* já havia perdido no Brasil seu caráter de fidalguia face ao número cada vez maior de jogadores negros, mulatos e brancos pobres que se destacavam nos quadros dos grandes clubes, que duas figuras da crônica esportiva protagonizariam uma verdadeira revolução no tratamento dado ao futebol nas páginas esportivas de jornais de grande circulação nos dois grandes centros do país: Mario Filho (RJ) e Thomaz Mazzoni (SP). É de autoria do primeiro a obra que se constitui como pedra fundamental para a grande maioria das produções sobre a trajetória do futebol brasileiro, *O Negro no Futebol Brasileiro* – prefaciada pelo sociólogo Gilberto Freyre – clássico que abriu as portas para uma outra leitura de nossa sociedade que passasse pelo futebol como um de seus elementos explicativos. Em linhas gerais, a inserção de jogadores negros e mulatos no “fidalgo esporte” - ainda que abordada no livro a partir de casos que demonstravam os conflitos e lutas para a superação dos preconceitos -, não era desta forma valorizada na idéia central do autor de que o futebol havia se constituído numa expressão de nossa “democracia social”, comprovada na ascensão destes jogadores e novos torcedores das camadas menos abastadas, que passavam também a afluir aos estádios:

A identidade cultural na pós-modernidade. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 51.) O argumento de Hall - ao aludir à noção elaborada por Anderson sobre o assunto (Ver: ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo, Editora Ática, 1989.**)** é o de que as identidades nacionais não estão naturalmente ligadas à questão da origem do indivíduo, mas são construídas e modificadas de acordo com a representação da cultura nacional da qual este sujeito participa e se sente participante. Assim, enseja-se a necessidade de se analisar as culturas nacionais não sob este pressuposto de unicidade, mas como um “dispositivo discursivo” que apresenta a diferença “como unidade ou identidade” (HALL, op. cit., p. 62*)*. À luz de suas contribuições mas, principalmente, com base no trato com as fontes - a “identidade nacional” emerge, em nossa compreensão, como uma construção simbólica que não encontra sua correspondência no real de forma homogênea. Por isso nos referimos à relação entre futebol e “nação” enfatizando a construção de “identidades nacionais” através da Copa do Mundo de 38 como algo edificado sobre diferenças que não podem ser apagadas e que se manifestam nos sentidos do “Brasil” (construção simbólica) que se encontram expressos nas manifestações de figuras do Estado Novo, dos dirigentes e imprensa esportiva e dos grupos populares, enquanto agentes diretamente envolvidos naquela campanha.

> *E quem está na geral, na arquibancada, pertence à mesma multidão. A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico. O rico paga mais, compra uma cadeira numerada, não precisa amanhecer no estádio, vai mais tarde, fica na sombra, não apanha sol na cabeça, mas não pode torcer mais do que o pobre, nem ser mais feliz na vitória, nem mais desgraçado na derrota* [10].

De todo modo, nos cabe aqui o registro do grande valor desta obra, algo corroborado em sua larga utilização por autores de diferentes campos do conhecimento [11], o que, por sua vez, também não implica o abandono de uma postura crítica quanto às concepções de futebol e Brasil nela expressas. Conforme o historiador André Mendes Capraro [12], em Mario Filho há uma assumida influência da teoria freyreana. O Sociólogo pernambucano advogava no Brasil – a partir de uma originalidade sócio-etnográfica como influência da Antropologia Cultural - um novo referencial sociológico pautado na perspectiva de formação e caracterização do que ele denominara de "brasilidade", e que teria no esporte mais popular do país - a partir de figuras de destaque como Domingos mas, principalmente, Leonidas da Silva no contexto dos anos 1930 e 1940 - a sua reafirmação, em termos de construção de uma identidade nacional sedimentada na miscigenação. Na questão racial em Gilberto Freyre situa-se positivamente um aspecto formador e definidor de uma identidade "tipicamente" brasileira.

Ainda que tal identificação de um "estilo brasileiro" possua, em certo sentido, uma correspondência com a observação empírica da realidade na medida em que não se trataria puramente de uma produção romanceada – como fruto exclusivo da imaginação e criação de autores como Freyre e Mario Filho -, principalmente levando-se em conta as transformações promovidas pela popularização do futebol no Brasil, entretanto, a representatividade da teoria freyreana e da imprensa esportiva - na figura principalmente do autor de *O Negro no Futebol Brasileiro* – é determinante para a produção e circulação de uma concepção de "brasileiro" e de "Brasil" que tinha no futebol um de seus paradigmas. Há uma construção de um estilo "brasileiro" de jogar futebol de floreios dançantes, do samba, da capoeira, da malandragem, da

---

[10] RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Foot-Ball Brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947. *apud* SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo**: estado, trabalhadores e imprensa na construção da identidade nacional através do futebol (1930-1947). 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.p. 198.

[11] Dentre outras obras de menor repercussão escritas por Mario Filho a despeito de histórias do universo futebolístico, destacam-se: *Copa Rio Branco de 32* (1943); *Histórias do Flamengo* (1945); *Romance do Foot-Ball* (1949); *Copa do Mundo, 62* e *Viagem em torno de Pelé* (1963); *O sapo de arubinha* (organizada por Ruy Castro em 1994), dentre outras. Para mais informações ver: SOUZA, op. cit., p. 210-211.

[12] CAPRARO, André Mendes. **Identidades Imaginadas**: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFP), 2007, p. 225.

ginga enquanto características de nossa herança cultural africana sublinhada em Freyre na positividade da integração racial, ou seja, da mestiçagem [13].

Por outro lado, Thomaz Mazzoni nos fornece uma obra que desfruta de prestígio - senão idêntico ao clássico de Mario Filho, ao menos semelhante -, como um estudo pioneiro na tentativa de elaboração de um trabalho que tratasse de forma sintética de todo o percurso do futebol no país. Em *História do Futebol no Brasil (1894-1950)* [14], apresenta-se um conteúdo composto de relatos e dados levantados por Mazzoni acerca de episódios selecionados como os mais representativos do nosso futebol em sua ótica [15].

A ênfase nestes cronistas deve-se à sua participação de destaque na cobertura do III campeonato mundial. Mario Rodrigues Filho era o então diretor do periódico esportivo carioca *Jornal dos Sports* [16], ao passo que Mazzoni chefiava a seção esportiva de um dos jornais de maior circulação na capital paulista, a folha *A Gazeta*, importantes fontes para a análise dos conflitos que envolviam agentes e grupos sociais - que estiveram direta ou indiretamente envolvidos com a campanha da seleção brasileira – a despeito dos ideais que deveriam dar sentido à "nação" que se fazia representada no certame mundial. E, antes mesmo do início da preparação, a disciplina dava o tom no discurso dos principais dirigentes. Após o término de uma das primeiras reuniões que

---

[13] O contexto dos anos 1930 e 1940 - que define mais nitidamente esta construção - era extremamente propício para o surgimento de obras como *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos* de Freyre, *Raízes do Brasil* de Sérgio B. Holanda, e *O Negro no Foot-ball Brasileiro* de Mario Filho, por acompanhar um processo de construção da identidade nacional tão operacionalizada pelo regime varguista, além de partir do combate às teorias que apontavam para a inferioridade brasileira com base em nossa formação social marcada pela mestiçagem, tomada sob o ponto de vista biológico como uma mistura de espécies que desencadearia a geração de um grupo estéril, e por conta disso estariam os brasileiros impedidos de alcançar a civilização. A mestiçagem a partir de Freyre torna-se uma virtude brasileira e nosso diferencial. Ver: BOTELHO, André Ricardo Maciel. **Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo**. A imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894 – 1919). 2005. 126f. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Rio de Janeiro: UFRJ/Programa de Pós-Graduação em História Comparada, p. 19.

[14] MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil (1894-1945)**. São Paulo, Ed. Leia, 1950.

[15] Inseridos nos trabalhos menos conhecidos do autor estão: *O Brasil na Taça do Mundo, 1938* - enquanto obra pioneira sobre o torneio aqui analisado, como resultado de uma série de matérias escritas por Mazzoni enquanto correspondente de *A Gazeta* que acompanhara todos os passos da delegação brasileira desde o embarque no Rio de Janeiro no dia 30 de abril de 1938, rumo à França, e que compõem o *corpus* documental de nossa reflexão -; e *Problemas e Aspectos do nosso Futebol* (1939).

[16] Considerado dos maiores nomes da crônica esportiva brasileira, Mario Rodrigues Filho, adquirira o *Jornal dos Sports* no ano de 1936, em parceria com Roberto Marinho - naquela oportunidade já dono do jornal *O Globo*, no qual o próprio Mario Filho dirigia a página esportiva. Esta iniciativa contou também com o importante apoio dos dirigentes Arnaldo Guinle, do Fluminense, e José Bastos Padilha, do Flamengo, que consideravam aquela uma boa oportunidade para que o amigo Mario Filho adquirisse o jornal, aproveitando o fato de que seu então proprietário e fundador Argemiro Bulcão o havia posto a venda, cinco anos depois de começar a circular nas ruas do Rio de Janeiro. Contudo, seria mesmo Mario Filho com toda a sua inventividade que faria do *Jornal dos Sports* a folha esportiva de maior circulação no país. Ver: CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

tratavam de questões relacionadas à organização do escrete nacional, o presidente da CBD [17], Luiz Aranha, procurava deixar bem claro para a opinião pública o princípio que orientaria a campanha brasileira na Copa do Mundo da França: "Disciplina acima de tudo! A requisição dos jogadores obedecerá a uma orientação inicial: não serão convocados os *players* que fossem julgados indisciplinados. Para isso serão consultados os antecedentes dos jogadores nos clubs e entidades". [18]

Todavia, se a convocação além de critérios técnicos deveria ser norteada pelo padrão disciplinar exigido aos representantes da pátria, esse pressuposto poderia valer para aqueles jogadores considerados dispensáveis, não para craques como Domingos e Leonidas. Tanto o era que poucos dias após a divulgação da lista de jogadores que iniciaria o período de treinamento do selecionado, os destaques do Flamengo, ao lado do *half* Fausto[19] e outros jogadores, se envolviam numa enorme confusão durante a excursão de seu clube à Bahia para a disputa de alguns amistosos:

> *A notícia chegada da Bahia não nos surpreende. Vários jogadores do Flamengo entre eles Domingos, Fausto e Leonidas, como bons ídolos futebolísticos da maravilhosa Guanabara, após o jogo de estréia do Flamengo na Bahia, deixaram o hotel e foram gozar sua popularidade na cidade, indo, depois para o 'cabaret'. Durante a alegre noitada os rapazes acabaram por se insultar e por se agredir mutuamente. Bonita cena! Domingos surrou os seus grandes amigos Fausto e Leonidas, interveio a polícia que foi desrespeitada e todos foram para a delegacia, sendo que Domingos foi recolhido ao xadrez! Fausto estava com trajes menores!!! Exemplar amostra de disciplina! ... Domingos, Fausto e Leonidas são nomes apontados para a seleção nacional que irá à 'Taça do Mundo'! Com esse espírito disciplinar de 'cabaret', com essa mentalidade de 'touriste', com essa excelente demonstração de 'camaradagem', imaginem o que os Fausto, Domingos, Leonidas não irão fazer em Paris! ...* [20]

No entanto, este fora só o primeiro de outros episódios que polemizariam a campanha brasileira na Copa de 1938 colocando em atrito os nobres e elevados ideais que mobilizavam dirigentes, imprensa esportiva e o Estado Novo e a compreensão por parte dos jogadores e torcedores populares do sentido daquele empreendimento. As manifestações registradas nas ruas das principais capitais do país durante e após os jogos do selecionado davam conta de que o que importava mesmo era o inédito e sonhado título mundial. A celebração que marcara a dramática vitória na estréia contra os poloneses seria tão logo seguida pela insatisfação e revolta em face de possíveis erros de arbitragem contra o escrete brasileiro no empate com os tchecos, nossos

[17] A CBD fora oficialmente fundada em dezembro de 1916, como intuito de unificar os esforços de representantes de oito estados brasileiros a despeito da organização do futebol no país. A nova entidade, sediada no Rio de Janeiro, representava os esforços de pacificação capitaneados pelo então Ministro das Relações Exteriores Lauro Muller, juntando as partes litigiosas da Federação Brasileira de Sports (fundada em novembro de 1915, no Rio de Janeiro) e da Federação Brasileira de Football (fundada no mês de setembro também de 1915, em São Paulo). cf. - PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, p. 145.

[18] *Jornal dos Sports, 8 de março de 1938.*

[19] Fausto era um dos jogadores de maior renome do rubro-negro carioca e do futebol brasileiro, que havia se destacado na Copa de 1930, disputada no Uruguai, sendo apelidado de "A Maravilha Negra". Ver: PEREIRA. op. cit., p. 313.

[20] *A Gazeta,* de 23 de março de 1938.

adversários nas quartas-de-final. A atuação do árbitro húngaro Hertza – que expulsou o *back* Machado e o *half-back* Zezé Procópio, anulou um gol de Perácio e ainda marcou o pênalti que garantiu o empate aos europeus -, despertou a ira de muitos torcedores brasileiros, fato explorado - ainda que de forma exagerada e dramatizada - na matéria do Jornal dos Sports sobre o sentimento que envolveu a torcida durante e após a partida:

> *42 milhões e tanto de inimigos pessoais!*
> *Eis o que o juiz húngaro arranjou no Brasil.*
> *Interessantíssimo seria fazer uma crônica sobre a emoção da cidade, durante a partida entre os brasileiros e os tchecos. Foi uma emoção enorme, a que ninguém se mostrou insensível, e que teve todas as manifestações, das mais ingênuas às mais desesperadas ... A serenidade era impossível. Cavalheiros importantes, 'granfinos' caracterizados, gente espiritual, pessoas profundas, criança de pé descalço, senhoritas, senhoras – todo mundo fez torcida franca, aberta, ostensiva, ruidosa. Fulanos que se supunham incapazes de matar uma mosca ou nutrir uma simples e trivial simpatia – tiveram pelo juiz uma dessas raivas implacáveis que vão ao crime* [21].

Em tais circunstâncias para a grande maioria dos torcedores brasileiros não tinha a menor importância os tão apregoados valores morais que deveriam reger o comportamento de nossos jogadores em gramados internacionais. Ainda que o presidente Vargas fizesse questão de elogiar a postura dos atletas ao não se rebelarem mesmo diante dos graves erros do árbitro daquele jogo, o que os torcedores gostariam de ter visto era uma atitude diferente de nossos *players* e dos chefes da delegação ante aquele episódio.

Contudo, após vencermos os tchecos no jogo-desempate com grande atuação de Leonidas[22] , teríamos pela frente a temida Itália pela semifinal. Em condições normais já seria uma tarefa bem complicada vencer esta forte seleção, mas esta tão esperada semifinal apresentaria dois grandes empecilhos ao triunfo brasileiro de acordo com Mazzoni: a ausência de Leônidas por conta de uma distensão muscular adquirida no confronto contra os tchecos; e a atuação polêmica do árbitro suíço Wuthrich, protagonista de um dos lances mais polêmicos do Mundial: após um arremate pra fora do atacante Ferrari, o seu companheiro Piola teria dado um pontapé em Domingos da Guia, ainda com a bola fora de campo. Antes que o goleiro brasileiro fizesse a reposição, Domingos revidou a agressão sofrida e o árbitro suíço não hesitou em marcar o pênalti contra o Brasil. Os jogadores brasileiros ficaram pasmos diante da marcação, mas não se estenderam em reclamações contra o árbitro da partida [23].

Nas ruas da capital da República a tristeza pelo resultado final do jogo fora transpassada por um raio de esperança diante do boato que se espalhava de que o jogo estaria na iminência de ser

---

[21] *Jornal dos Sports*, de 13 de junho.
[22] Por conta do resultado, um jogo-desempate seria realizado com vitória brasileira pelo placar de 2 a 1, com gols de Leonidas e do extrema-direita Roberto para o Brasil. Com o resultado a seleção chegava a uma inédita semifinal onde teria pela frente os atuais campeões mundiais, os italianos, então vencedores do mundial de 1934, disputado em seu próprio país. *Jornal dos Sports,* de 15 de junho de 1938.
[23] O center-forward italiano, Giuseppe Meazza, converteria o penal abrindo 2 a 0 a favor dos italianos. O Brasil ainda descontaria com o meia-ofensivo do Fluminense Romeu Pelicciari, mas o sonho da conquista do caneco acabaria por ali. *Jornal dos Sports*, de 17 de junho de 1938.

anulado por conta dos erros de arbitragem que foram determinantes para o resultado final da partida. E passando por milhares de bocas e ouvidos o boato ia ganhando cada vez mais o status de verdade e fato já consumado. Para os torcedores nas ruas do Rio de Janeiro o jogo estava anulado e a vibração era como se o Brasil tivesse conquistado a Taça do Mundo:

> *O delírio dos primeiros momentos quando se apresentava como positiva a notícia da anulação foi indescritível. Vimos no Club Naval, todos os passageiros dos ônibus que largavam, erguerem-se como movidos num único impulso e vivarem os 'cracks' bradando:*
> *- Anulado o jogo! Viva o Brasil!*
> *Nos cafés formavam-se grupos onde se lembrava que Leônidas poderia tomar parte num novo jogo, enquanto os cavalheiros mais bem informados eram crivados de perguntas.*
> *Em frente à redação do Jornal Sports enorme multidão permaneceu muito tempo à espera de notícias, que infelizmente porém, não corresponderam a expectativa da maioria que ansiava pela anulação imediata do match.*[24]

Contudo, as especulações não se confirmariam e, para a tristeza geral, o Brasil teria mesmo de se contentar com a disputa do terceiro lugar no certame internacional. Em Bordeaux, venceríamos os suecos pelo placar de 4 a 2 e conquistaríamos a melhor colocação brasileira em mundiais até então. A delegação seria surpreendida no reencontro com os torcedores nas passagens por Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Na capital federal, a apoteótica recepção que deveria ser mais uma manifestação de controle social a incidir sobre os festejos da população carioca não seria suficiente para abrandar as calorosas demonstrações de gratidão e paixão dos torcedores. Para a matéria do *Jornal dos Sports,* tratou-se de uma resposta em grande estilo dada pelos torcedores às consideradas injustiças sofridas pelo escrete nacional em canchas francesas:

> *Absolutamente inédita a manifestação popular de ontem. Toda a cidade delirou. Os nossos 'cracks' foram recebidos com as glórias de autênticos campeões do mundo. Não importa o título oficial. Ou por outra: o título oficial não honraria tanto os nossos 'cracks', e não lhes daria uma emoção tão grata e profunda, como lhes deu a consagração de ontem. Mais vale ao nosso scratch ser campeão do mundo para a cidade do que para a FIFA* [25].

Para a imprensa esportiva, o que se viu e presenciou nas ruas do Rio de Janeiro fora um verdadeiro carnaval fora de época, com direito até a confete e serpentina. Saudava-se o escrete nacional, fazia-se justiça ao futebol brasileiro, e a justiça popular neste caso não poderia vir de outro modo senão em forma de festa, uma festa digna de campeões mundiais. O selecionado brasileiro era festejado pelos torcedores pouco importando o fato de que a taça e o título de campeão mundial não nos fossem reconhecidos pela FIFA. O entusiasmo popular alimentado pelas redações já havia elegido e coroado o "campeão por direito" daquela Copa do Mundo, em mais uma demonstração de que sob as aparentes feições harmoniosa, ordeira e disciplinada daquela campanha, os conflitos e negociações a despeito de sua representatividade e significado na associação entre futebol e nação não estiveram ausentes.

---

[24] *Idem.*
[25] *Jornal dos Sports,* de 12 de julho.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo, Editora Ática, 1989.

- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa - *Brasil - 1900 a 2000***. Rio de Janeiro, MAUAD, 2007.

- BOTELHO, André Ricardo Maciel. **Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo**. A imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894 – 1919). 2005. 126f. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Rio de Janeiro: UFRJ/Programa de Pós-Graduação em História Comparada.

- CAPRARO, André Mendes. **Identidades Imaginadas**: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFP), 2007, 381f.

- CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- COSTA, Maurício da Silva Drumond. "Os Gramados do Catete: futebol e política na era Vargas" (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da & SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). **Memória Social dos Esportes – Futebol e Política**: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro, Mauad Editora: FAPERJ, 2006. v. 2. p. 107 – 132.

- DAMATTA, Roberto. **O que faz do brasil, Brasil?** 9. ed. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.

- FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (org.).**O Brasil Republicano**: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. V.2 Rio de Janeiro: Civilização Brasiliense, 2003.

- FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro** (4ª edição). Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

- FLORENZANO, José Paulo. **Afonsinho & Edmundo**: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa Editora, 1998.

- FRANZINI, Fabio. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

- HALL, Stuart. A Formação de um Intelectual Diaspórico. In: **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro (trad.). 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

- _____. Notas sobre a desconstrução do "popular" . In: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org); trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

- MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

- MAZZONI, Tomaz. **História do futebol no Brasil** (1894-1945). São Paulo, Ed. Leia, 1950.

- NASCIMENTO, Paulo Henrique do. **A Copa do Mundo de 1938**: nacionalismo e a identidade nacional brasileira em campo, Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo, n. 30, abr. 2008.Disponível em: http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao30/materia07/texto07.pdf . Acesso em: 24 abr. 2009.

- NEGREIROS, Plínio José Labriola de. **A Nação entra em campo**: futebol nos anos 30 e 40. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1998.

_____ **O futebol e a identidade nacional**: o caso da copa de 1938. Educación Física y Deportes, n. 10,maio de 1998. Disponível em http://www.efdeportes.com/edf10/copa38.htm Acesso em: 18 nov. 2009.

- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

- SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo**: estado, trabalhadores e imprensa na construção da identidade nacional através do futebol (1930-1947). 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

- TOTA, Antonio Pedro. **A Locomotiva no ar**: rádio e modernidade em São Paulo, 1924-1934. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990.

- THOMPSON, Edward. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.